

O OLHAR DOS PCN'S SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO 6º ANO

SANTOS, Felipe Alan Souza
Felipeguile@ig.com.br

PEREIRA, Flávia Moura
Kafmp@hotmail.com

SOUZA, Sandra Andréa Silva
Sandra_bl_z@hotmail.com

SANTOS, Fábيا Verônica dos (Orientadora)
Graduada em Geografia, Mestre em Geografia, Prof^a. do Curso de Geografia:
Licenciatura Plena da Universidade Tiradentes – UNIT.
fabiaveronica@oi.com.br

RESUMO

A educação contemporânea busca indivíduos capazes de aprender a aprender, alunos que use sua práxis em vivência e modifiquem o seu espaço cidadão. Esse trabalho objetiva-se em delimitar aspectos relevantes do livro didático e o seu uso pelo professor, almejando uma abordagem teórica sobre textos e as parte visual em que este se encontra alicerçado. Julgou-se necessário problematizar o olhar dos docentes e discentes sobre o conteúdo e estabelecer um padrão crítico sobre os livros analisados. As metodologias utilizadas foram: levantamentos bibliográficos em livros, periódicos e internet, além de visita de campo e coleta de dados com professores e alunos do 6º ano do ensino fundamental. Assim esse trabalho possui como eixo relevante, delimitar um padrão de esclarecimento sobre a melhor maneira de elaboração dos

livros didáticos e da mediação do professor, fatores primordiais para a efetivação do sistema de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. livro didático. mediação.

1 INTRODUÇÃO

Com as crescentes abordagens teóricas dentro da análise da educação é necessário direcionar o caminho a ser percorrido para a efetivação de valores reais qualitativos e quantitativos para o melhor sistema de ensino e aprendizagem. Intrínseco a essa modalidade é fundamental usar e diagnosticar quatro mecanismos necessários à aprendizagem contemporânea, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

Atrelados a esses valores irá encontrar resoluções de conflitos existentes nas esferas das linhas teóricas da educação, desde as correntes mais tradicionais até a mais moderna modelagem do pensar a instrução escolar.

Esse discurso possibilita que os discentes se tornem um ser totalmente ativo, reflexivo e pesquisador e o docente como um mediador de aprendizagens sociocultural das facetas dinâmicas da sociedade. Pois agora a educação não deve ficar restrita atrás de quatro paredes, mas em todos os momentos de vivência do aluno como ser social.

Portanto, torna-se fundamental uma análise de como o livro didático está inserindo esta junção entre aluno ativo e criativo e professores mediadores, na busca dos emaranhados sistemas de vida e cabe a uma ciência a efetivação desses objetivos teóricos: a Geografia.

A ciência geográfica por construir suas bases teóricas sobre a análise das relações entre natureza e homem é fundamental para a compreensão e efetivação do ser humano cidadão, tão almejada pelas instituições escolas. Assim, os professores e os livros dessa disciplina devem coexistir na busca dessa incessante metodologia que reúna teoria e prática, ou seja, que construa a práxis.

A dicotomia existente nas correntes teóricas dessa disciplina, faz com que surja a necessidade de analisar, como alguns autores estão transcrevendo suas idéias e afeições, seu marxismo ou tradicionalismo, sua geografia física ou humana, ou ambas. Fomentando-se a urgente pesquisa sobre esses referenciais teóricos.

Deve-se compreender nesse artigo a maneira que os autores de livros didáticos do sexto ano do ensino fundamental estão expondo os conteúdos cronologicamente e se a linguagem é perceptível para o entendimento do conteúdo em análise na sala de aula. Ainda sendo importante o manejo deste conteúdo pelos professores e seus mecanismos técnicos utilizados para a melhor compreensão.

A análise desses sistemas acima descrita, deverá ser compreendida segundo a óptica de quem o vivenciam, buscando-se métodos que concretize ações afirmativas sobre o olhar do livro didático do sexto ano do ensino fundamental.

Nesse contexto capaz de explicar que a geografia é uma das ciências da natureza e enquanto disciplina escolar é responsável pela formulação teórica do conceito de natureza bem como nas suas relações, percepções e atualidades.

A proposta desta pesquisa tem como objetivo uma análise do livro didático de geografia no 6º ano com o intuito de sugerir novas metodologias em sala de aula procurando analisar a organização e os conteúdos disponibilizados verificando se a abordagem teórica acompanha uma linguagem adequada para o público escolar e caracterizar as metodologias do professor nas escolas em análise.

A abordagem dos conteúdos deve ser elaborada de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental de geografia, por isso, espera-se que o aluno saia da 5ª série (6º ano) sabendo as noções básicas de geografia como introdução de espaço geográfico, o desenvolvimento dos conceitos de lugar, paisagem, relevo, hidrografia, vegetação, relações sociais, divisão de trabalho entre outras. Nestes conteúdos a geografia pode trabalhar com recortes temporais e espaciais da história para construir uma interpretação das paisagens e sua evolução, analisando o ontem e o hoje.

O tema foi escolhido para analisar os assuntos abordados pelos livros de acordo com temas, verificando aspectos físicos do livro como imagens, fotos, gráficos, mapas, tabelas, atividades, textos complementares, pesquisa para os alunos, entre outros aspectos encontrados no livro.

Diante dos assuntos abordados pelos livros foi desenvolvida uma análise segundo os PCN's e se estes apresentam problemas de ordem epistemológica e de pressuposto teórico. Ao analisar as categorias geográficas do livro adotado, buscou-se perceber se a metodologia esta adequada à faixa etária dos alunos e de acordo com o momento da escolaridade para que desenvolvam melhor a sua capacidade da apreensão do conhecimento cognitivo.

Houve também o intuito de analisar como o livro didático é trabalhado em sala de aula e se os conteúdos abordados dentro do seu cronograma trazem uma linguagem adequada para os alunos, levando-se em consideração o despertar entorno dos temas abordados e a promoção de desenvolvimento do senso crítica sobre respectivos assuntos.

Para isso a metodologia utilizada será comparação de livros, análise de revistas, artigos que debatam sobre o assunto, a Lei de Diretrizes e Bases, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, questionários que serão respondidos pelos professores e alunos nas escolas visitadas entre outros.

Esta análise deve levar em consideração as expectativas dos alunos entorno dos temas abordados pelos livros e assim mudar a visão dos alunos sobre os respectivos assuntos, mostrando assim aos professores novas técnicas como sugestões de sites, vídeos e outros livros que possam ajudar na aprendizagem do aluno, que deve sair desta série reconhecendo a paisagem do lugar em que vive e podendo compará-la com outras, saber se localizar e orientar no espaço ler e interpretar o espaço através de mapas simples.

Deve-se ficar claro que a construção do conhecimento depende da inteligência e das competências individuais de cada um. Sendo importante que o professor não fique centrado em teóricos e métodos que promovam a regressão do conhecimento, uma vez que a proposta da Educação é de que os discentes compreendam as teorias e aplique-as na prática, como aponta Antunes:

As inteligências são potenciais biopsicológicos, são capacidades para resolver problemas ou para criar produtos considerados de valor em um meio social, são capacidades de compreender, de se adaptar, de contextualizar, são “ferramentas”, sistemas neurais que diferenciam uma pessoa da outra. (2001, p. 19)

Em virtude disso o livro didático de Geografia do sexto ano do ensino fundamental deve ser analisado, apontando um ideal metodológico para a elaboração dos futuros livros que será publicado no futuro próximo por vários autores, além de direcionar estratégias de ensino para os professores que estejam atrelados o modo tradicional de educação.

A intenção desta pesquisa é levar para a sociedade que o estudo da geografia pode possibilitar aos alunos a compreensão de construir valores importantes para a vida em sociedade, mostrando a estes que a cidadania é também o sentimento de pertencer à realidade nas relações entre a sociedade e natureza, e de tentar aos professores a iniciativa na utilização de novas técnicas como sugestões de sites, vídeo e outros livros que possam ajudar na aprendizagem do aluno.

Por conhecer o papel das Ciências para o mundo contemporâneo, torna-se claro que esta deve coexistir buscando métodos para solucionar conflito existente no contexto social, pois não existe Ciência sem uma relevância social fundamentada em projetos de melhorias sociais.

Assim a Geografia possui sua relevância, seu objetivo, sua óptica de percepções que irá estrutura sua base científica e sua influência na esfera social. Devido à importância de melhor compreender homem e ambiente, julgou-se necessário conhecer e sistematizar o modo que os livros didáticos de Geografia da sexta série do ensino fundamental, vêm retratando essa ciência e de que maneira este, junto com os profissionais da área, está transcrevendo a influência da Geografia para a construção da Cidadania.

A Geografia, artifícios dos ideais humanos, cria e reestrutura espaços desiguais, mesmo dentro da sua Ciência. Contudo esse tema veio construir e esclarecer que a geografia não deve ser vista separadamente ou negligenciada frente aos seus pressupostos, mas sim, deve conceber contextualmente a relação existente entre o meio natural e o humano, observando-se nessa relação às possibilidades de se conhecer e de modificar erros herdados do passado.

Além de compreender a linha teórica abordada entre os vários livros analisados, sejam eles possibilistas ou marxistas, julga-se aqui necessário repensar além da estrutura sólida do livro didático, ou seja, a maneira que este é utilizado em sala de aula metodologicamente. Certamente para um professor conceber o início de sua derrota é complicado, preferem continuar no erro que inovar sobre o desconhecido, que mergulhar no mar das afeições científica em busca de métodos inovadores.

Esse trabalho almeja um novo olhar, a repetição do conhecimento não deverá existir na escola, pois aqui se julga necessário à apreensão da crítica, a comparação entre

idéias, o respeito às diferenças, ou seja, o envolvimento de forma mais insinuante a aprendizagem criativa.

Assim esse trabalho possui como relevância sugerir novas metodologias para a elaboração de livros didáticos, transcrevendo em suas abordagens as expectativas dos alunos, cabendo ainda mostrar aos professores a importância da capacitação e do uso das novas tecnologias na educação.

2 COMO OS PCN'S SE COMPORTAM DIANTE DA GEOGRAFIA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) abordam que são importantes os conhecimentos geográficos para os alunos desde que estejam adequados para sua faixa etária, para que exista a compreensão do seu posicionamento em relação aos valores humanos.

As primeiras etapas escolares demonstram que o ensino da geografia tem por objetivo demonstrar ao aluno que a cidadania estabelece relação entre sociedade e natureza de forma integrada e em constante transformação da qual ele, o aluno, faz parte.

A avaliação é uma etapa fundamental para perceber o grau de aprendizagem, ao ser implantada de forma contínua inovou as práticas pedagógicas. Vale ressaltar que: *“o sistema de avaliação a tempos atrás era totalmente tributário de idéias, levando-se em consideração que o conhecimento era um bem que se acumulava um material que se enchia um reservatório previamente existente no cérebro de cada individuo supostamente vazio”* (ANTUNES, 2004, p.15).

No ensino fundamental o aprender e ensinar geografia passou por um processo de evolução em que não se limita somente em ensinar pelo livro didático. É necessário que o

professor crie, planeje situações e ações para que os alunos possam conhecer, refletir e identificar a relação sociedade/natureza.

De acordo como autor citado a aprendizagem humana somente se processa na medida em que o educando é capaz de construir significados e atribuir sentido ao conteúdo da aprendizagem, pois todo aluno disponibiliza de múltiplas inteligências e cabe aos educadores estimular.

O processo de aprendizagem sensibiliza a memória de longa duração fazendo do aluno um transferidor de saberes, isso porque o ensino só tem sentido quando se explora a aprendizagem significativa.

Dessa forma, os alunos passam a construir conhecimentos e serão capazes de acompanhar os objetivos gerais abordados nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental tais como: conhecer a organização do espaço e o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, saber utilizar procedimentos de pesquisa para compreender o espaço, a paisagem, o território e identificar suas relações, problemas, e contradição.

Um exemplo da necessidade de implantação do saber geográfico é a utilização da linguagem cartográfica para se obter informações e representar as especialidades dos fenômenos geográficos. A contribuição dessa etapa é necessária para ajudar nas leituras de imagem e documentos das mais variadas formas de interpretação e poder analisar ou relacionar as informações as diferentes paisagens do espaço geográfico.

Em relação à compreensão aos direitos políticos, observa-se que:

Avanços tecnológicos e as transformações socioculturais decorrentes de conflitos servem para avaliar as ações do homem em sociedade e suas consequência em diferentes espaços e tempos, de modo a construir referenciais que possibilitem uma participação positiva nas questões socioambientais, valorizando o patrimônio sociocultural e o respeito à sociodiversidade, reconhecendo-a como um direito dos indivíduos e um elemento de fortalecimento da democracia (PCN, 2001, p. 122).

No que se trata da seleção e organização dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula na disciplina de geografia, um dos critérios a ser utilizados é a seleção de metodologias que permita um pleno desenvolvimento, a valorização dos aspectos sócio-ambientais e do patrimônio cultural e ambiental.

O ensino se apresenta de forma mais independente da mediação do professor no segundo ciclo, levando-se em consideração que os alunos já possuem conhecimentos prévios em que o planejamento e situações sejam mais significativos e produtivos em relação ao ensino e aprendizagem diante de aperfeiçoamento da ação pedagógica.

Mas é necessário que o professor conheça os avanços e os problemas de seus alunos para melhor adequar sua proposta de ensino no que se subentende por competências: *“faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos com inteligências, saberes, habilidades, e informações – para solucionar com pertinência e eficácia um conjunto de situações”* (PERRENOUD *apud* ANTUNES, 2001, p. 24).

A aprendizagem dos alunos neste ciclo se apresenta de forma mais autônoma em que estes são capazes de ter acesso a várias fontes de informação com maior independência e passaram a adquirir capacidades mais complexas de compreensão considerando seus conhecimentos escolarizados e vivência da rotina escolar de acordo com o primeiro ciclo.

No segundo ciclo os objetivos da geografia ao final desta etapa requerem a verificação e certificação de que os alunos estão capacitados a conhecer algumas das conseqüências das transformações da natureza pela ação antrópica, presente na paisagem local sendo ela urbana ou rural; comparando o papel da sociedade e da natureza na construção de diferentes paisagens.

Além disso é preciso reconhecer o lugar no qual se encontram inseridas as relações existentes entre o mundo rural e urbano estabelecendo com coletividade suas

relações de outros lugares e regiões focando o presente e o passado, estabelecendo semelhanças e diferenças aos modos de vida das cidades e do campo em relação aos seus hábitos cotidianos como também no lazer e na cultura.

2.1 Como é conduzido o ensino a geografia perante LDB

Dentro do processo educativo, o ensinar e aprender possa atender as necessidades de aprendizagem. Para a geografia, cabe o papel de abordagem do o conhecimento do mundo físico, da realidade social e política, especialmente do Brasil.

De acordo com a LDB o ensino está voltado para as questões da prática docente que tem por objetivo avaliar o desempenho do aluno e dos conteúdos percorridos em sala de aula, o sistema de ensino.

Podendo então diversificar ao máximo as atividades de avaliação da aprendizagem sem levar em consideração as redes de ensino mas acompanhando seu nível de aprendizagem colocando de tal forma que:

O foco da avaliação jamais deve estar centrado no conteúdo de trabalho, mas na capacidade de contextualização revelada pelo aluno em aplicar os ensinamentos desse conteúdo em outros níveis de ensinamento, outras situações e até mesmo outras disciplinas (ANTUNES, 2004, p.32).

De acordo com as incumbências dos professores em relação às Leis de Diretrizes e Base estes têm o compromisso com proposta pedagógica e com as didáticas a serem aplicadas em que à avaliação podem ser aplicadas informalmente na qual acompanha o progresso do aluno e formalmente avaliar o conhecimento que lhe é atribuído às notas levando-se em consideração que o êxito dos alunos não depende só do professor e de seus

métodos de trabalho, mas que envolve outros fatores de natureza social, psicológica e da dinâmica geral das escolas.

Nas Leis de Diretrizes de Base não foi encontrado nenhum registro sobre a obrigatoriedade do uso dos PCN'S pelos professores, seria interessante que todos os profissionais da área da educação se interessassem com as propostas oferecidas pelos parâmetros para melhor desempenhar suas práticas educacionais.

3 O LIVRO DIDÁTICO E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A maioria dos livros didáticos brasileiros não cumpre sua real funcionalidade de apoio ao processo de ensino. Grande parte expõe conteúdos autoritários e fechados, além de propor questionários que pedem respostas padronizadas como verdades indiscutíveis do autor e não possibilita a formação de conceitos pelos alunos, principalmente se observar o livro de geografia do ensino fundamental.

Essas dicotomias transcenderam o verdadeiro valor do ensino, quando se nota a negligência de debates entre o professor e o aluno, que constitui um mecanismo fundamental para a exploração crítica das ciências, inclusive a geográfica, pois um debate crítico e criativo é uma das finalidades do processo educacional.

Os livros didáticos surpreendem pelo alto grau de repetição que ele trata os conteúdos e exercícios, na qual engloba nos alunos às atividades de reprodução dos pensamentos do autor, em vez de construírem seus próprios conhecimentos. Outro fator que deve ser levado em conta é que os alunos estão envolvidos em um sistema educacional progressivo, nos quais os capítulos dos livros não poderão ser esquematizados igualmente, mas sim levando em conta o crescimento cognitivo do discente, assim, os últimos capítulos

deverão possuir diversificadas informações e leituras para acompanhar essa aprendizagem como afirma Antunes:

O livro didático deve levar em consideração do seu primeiro ao último capítulo que o aluno está envolvido em um processo de ensino progressivo e que essa vivência novas formas de aprendizagens dentro e fora da escola (2001. p. 89).

Tendo nesse sistema o professor como o grande responsável pela assimilação e promoção do uso do livro didático. Será esse professor o coadjuvante que decide que livro irá adotar em seu plano de curso anual, por isso o livro deve ser bem analisado antes de ser escolhido, pois esse junto com o professor irá efetivar a aprendizagem de maneira dinâmica e eficiente aos alunos.

Talvez, o professor com ajuda dos alunos devesse escolher o caminho a ser trilhado durante o ano letivo, levando-se em conta o que é de real importância para os discentes e para o papel mediador do professor.

...Todo aluno, com ajuda e apoio dos seus mestres, devia ser responsável pela escolha e direção do seu próprio curso de estudos. A tarefa que, nós, mestres, propúnhamos era a de criar as condições em que se pudesse desenvolver esta autonomia. Nosso intento não era o de nos subordinar docilmente aos nossos alunos, porquanto, se os mestres não fossem prontamente positivos, determinados e ambiciosos naquilo que esperavam dos seus alunos, não poderiam alimentar esperanças de criar as condições necessárias para o desenvolvimento de uma autêntica autonomia (ARMSTRONG e KING *apud* GOODSON, 1995. p. 19).

Com frequência os livros didáticos diluem fontes de conhecimento, hora por falta de métodos pedagógicos acessíveis à compreensão do aluno, hora por seu excesso. Sendo raros aqueles que o fazem com habilidade e competência fatores relevantes para a aprendizagem.

O excesso de figuras ou mesmo de texto pode tornar a leitura de um conteúdo desinteressante, principalmente se lavar em conta a incorporações de palavras desconhecidas

ao linguajar convencional dos alunos além da imaturidade que grande parcela dos discentes se encontra, como em análise o do 6º ano do ensino fundamental.

No esclarecer histórica, a discussão sobre a qualidade do livro didático é bastante antiga, porém se pode notar visível preocupação com novas metodologias para a efetivação e o melhor entendimento dos discentes sobre a óptica do livro didático. Assim esse trabalho é salutar sobre essa análise no livro didático de geografia do 6º ano do ensino fundamental, além de observar o uso correto pelo professor na sala de aula.

O livro didático além de instruir é um instrumento de intercâmbio e de inter-relação social, permitindo a comunicação no tempo e no espaço, assim como fonte de informações.

A leitura de um livro engrandece a reflexão de mundo, além de desenvolver a criatividade. O leitor, muitas vezes, enriquece o texto, vive o texto narrado, lê nas entrelinhas seus desejos e aspirações. Tendo a leitura como a interpretação e compreensão do conhecimento Mauro Romanatto expõe que os objetivos da leitura na escola deverão principalmente levar o aluno ao:

Desenvolvimento da habilidade de ler com compreensão, rapidez, espontaneidade e seguranças, a utilizar-se da leitura como fonte de informação e aperfeiçoamento cultural, , a utilizar-se da leitura como forma lúdica e da recreação, como ocupação das horas de lazer e a expressar-se eficientemente (2005, p. 4).

O livro de Geografia deve ser escrito de forma coesa em linguagem clara e precisa, e os termos geográficos de modo que possa ser apropriado para que a compreensão do texto não seja prejudicada. Pois o livro didático oportuniza aprendizagem, sendo que sua eficiência depende de uma adequada escolha e utilização.

Tendo como princípio que o aprendizado deve ser construindo através da compreensão e não da memorização, além de que vai ser com a interação com a classe que esse aprendizado vai ser estimulado e desenvolvido racionalmente, cabe ao professor aguçar

seu espírito crítico diante do uso do livro, pois é responsabilidade dele a escolha e uso do livro.

Como verdadeiros profissionais, os professores são artesãos da responsabilidade, buscam sempre propugnar os valores da retidão, coragem, alegria e otimismo, cobradores exigentes da solidariedade e artífices da justiça, mesmo sabendo que esta não é uma questão objetiva e que abriga eventualidade de equívoco (Antunes, 2001. p 77).

Assim o professor deve observar se o livro está atualizado, se atende aos interesses dos alunos, se serve de auxílio para a aprendizagem entre o professor e o aluno para a formação do conhecimento, competência e habilidade, se contribui para a formação crítica e reflexiva e se está adequado ao projeto político pedagógico da escola e de sua comunidade.

Deve-se ficar claro ainda que a construção do conhecimento depender da inteligência e das competências individuais de cada um. Mas é importante que o professor não fique centrado nos textos didáticos, uma vez que a proposta da educação é que os discentes compreenda as teorias e use contextualizando-as em sua prática cidadã. Assim, o livro, o professor e o aluno seguiram o caminho para a verdadeira aprendizagem mediadora.

O aluno bem como o professor é um ser humano, estando sujeitos esses á errar e diferentes níveis de aprendizado, portanto, o professor deve respeitar as dificuldades de percepção do conteúdo, pois para Freire :

... errar é como procurar com olhos à esquerda o objeto que á direita se deixou.... O erro do aluno é talvez, a maior riqueza diagnóstica de seu caminho pelo aprendizagem e o professor deve buscá-la, não para punir ou sacionar, mas para do mesmo fazer o caminho certo (2001. p. 39 *apud* ANTUNES).

Assim o constante erro dos alunos, pode servir de diagnóstico da eficiência do professor, do livro didático e do próprio aluno. Já está claro que o aluno absorve os conteúdos de maneira diferenciada e que cognifica o que lhe interessa, o professor deve aplicar novos métodos para conseguir a atenção e a efetivação do processo de aprendizagem.

É interessante pensar que as aulas deveriam ser planejadas pelos professores com a participação dos alunos, que houvesse uma reciprocidade de valores éticos, culturais, coletivos e motivadores que resultariam em um planejamento de valor homogêneo com as aptidões desejadas pelos personagens envolvidos no desenvolvimento do próprio trabalho educativo, como expõe Fleuri (1997. p. 25) *“Só se consegue superar relações pedagógicas autoritárias quando decisões básicas relativas ao planejamento, execução e avaliação do trabalho forem realmente discutidas, definidas e assumidas pelo próprio grupo interessado”*.

O papel de um bom professor é resultado das suas ações motivadoras. Pretende-se que um educador seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico, criativo, curioso em termos de aprendizagem e que transmita novas opiniões reflexivas para os discentes, como a compreensão e o respeito pelo próximo. Como aponta Freire:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (*apud* SILVA, 2008. p. 1).

Esse professor preocupa-se mais com a aprendizagem do que com o programa curricular do ano letivo, mostra que a humanidade erra, mas nem por isso deixou de acertar e para isso usa sua empatia, o diálogo, a interatividade que somente será incorporada aos alunos se o professor possuir simpatia, carisma, sensibilidade e humor.

Logo a relação professor e aluno dependem fundamentalmente dessa relação de troca, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

Outra interação que deve existir é a da escola, comunidade e família, pois educação e a aprendizagem não podem ser reduzidas ao espaço concreto da escola. A escola e

o professor não podem atuar isoladamente, devem dividir responsabilidades com a família e com os alunos.

É essa interação entre professores e família que vai possibilitar a troca de informação que é de fundamental importância para o professor compreender, pois é através dessa que o professor vai conhecer os seus alunos e suas histórias de vida, deste modo estará mais próximo dele e criará aulas enriquecedoras para a turma.

Atualmente a educação está passando por uma problemática de relações, hora se julga a inadimplência dos alunos e dos pais que não acompanham a vida escolar dos filhos hora a falta de práticas motivadoras dos professores, cuja a disciplina não é atrativa ou não está aptas a realidade profissional ou do anseio da comunidade em que a escola se encontra inserida.

Essa e outras questões devem ser levantadas pelo professor e questionadas em sua habilidade. Projetos, pesquisas e debates devem ser fornecidos pela escola para que alunos, professores e família fiquem cientes do verdadeiro objetivo do ensino escolar, e o professor por estar no centro da discussão deve apropriasse destas facetas para modificá-la, caso isso não ocorra, o professor estará segregando as atuais problemáticas da educação e estará sendo ator do que propunha Gudsdorf:

O professor ensina mais, e por necessidade, apesar dele, a insuficiência do saber. Pois o saber autêntico, ao aprofundar, chega a um não saber, o professor demonstra que não se pode saber tudo. O professor julga seu saber e, muitas vezes, é julgado por ele. Nenhuma cláusula de estilo, nenhuma precaução pode evitar que surja, num momento ou outro, a hora da verdade que revela ao professor sem consciência a amplitude de sua derrota (1987, p. 54).

O homem do passado por conhecer o antigo encarregou-se de preparar o do presente, assim como, o do presente por conhecer o do passado encarrega-se de preparar, orientar, fiscalizar e desenvolver as atitudes e o cognitivo do homem do futuro. Mostrando-o a melhor maneira de instrução ao conhecimento, buscando encontrar melhores métodos para a

composição dos livros didáticos além de orientar melhores formas de motivação aos professores. Pois como afirma Abreu e Masetto:

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentam-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade. (apud SILVA, 1990, p.1).

4 PROFESSOR X LIVRO

A partir deste momento, a análise será pautada no que aponta os PCN's para o ensino fundamental numa comparação com os livros didáticos do 6º ano do ensino fundamental.

O professor deve ter a capacidade de passar os conteúdos abordados no livro e caso este não atenda as orientações dos PCN's, muitas vezes é necessário completar com atividades extras, como: seminários, construção de maquetes, vídeos, pesquisa na internet, trabalho escrito, entre outros.

Além disso, cabe aos professores incentivar os alunos a leitura da paisagem, para identificar as características e suas relações tanto na paisagem rural quanto urbana, deve focar o uso das tecnologias na construção das paisagens comparando como os diferentes grupos sociais, quais as técnicas utilizadas para resolver os problemas existentes no campo e na cidade, analisar os diversos tipos de comunicação e sua interação com as pessoas e como podem alterar suas vidas.

No processo de aprendizagem é preciso avançar, pois aprender é muito mais do que *“reter a informação não é tão importante quanto saber lidar com a mesma e dela fazer um caminho para solucionar problemas; aprender não é estocar informações, mas*

transformar-se, reestruturando passo a passo o sistema de compreensão do mundo”
(ANTUNES, 2001, p. 22).

Para que isso aconteça, o livro didático deve possuir vários aspectos como fotos, mapas imagens, fotografias áreas, gráficos, tabelas com dados estáticos da população rural, e também da área física. Paralelo a isso, deve-se ter um professor que estimule a busca pelo conhecimento.

Foram analisados 4 livros didáticos de diferentes editoras que são utilizados na rede pública e particular de ensino do município de Aracaju. Os livros atendem às necessidades apontadas nos PCN's, mas alguns autores priorizam a linguagem pictórica e tem uma linguagem gráfica sem grande expressão. Um outro ponto divergente é a distribuição dos conteúdos pois se observou uma falta de padronização, e alguns autores que o volume do livro é tão intenso que impossibilita as atividades extra-curriculares.

Em relação aos conteúdos os PCN's apontam como uma necessidade trabalhar:

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado através de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didática. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, através de situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas, e que promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços (2001, p.153).

Nos livros analisados encontrou-se os seguintes pontos divergentes: Castelar & Maestro não trazem a formação do planeta e os sistema solar, Moreira & Auricchio trata dos aspectos físicos do planeta desde a sua formação até a relação com a sociedade. Já Linhares traz a, além dos conteúdos abordados nos demais autores, as transformações populacionais e os problemas urbanos. Moreira & Sene, priorizam a relação humana com a natureza e ao fazer isso não enfatiza a geografia física.

Ao analisar a arte gráfica, ou seja, a relação com as figuras, gráficos, mapas com os conteúdos abordados, observa-se que: Castellar & Maestro tiveram o cuidado de ilustrar o livro, com vários gráficos, mapas, tabelas, fotos, imagens de satélite, fotos aéreas o que permite o aluno compreender os temas abordados na unidade.

Os gráficos são de fácil compreensão, nos formatos de pizza, linha, barras são bem coloridos com fontes de dados do IBGE (Instituto Brasileiro Geografia Estatística) e de vários atlas educativos, tabelas com dados com dados populacional urbano e rural, temperatura, as fotos e imagens vem destacando vários pontos do mundo.

As fotos das paisagens estão visíveis e os alunos podem diferenciar várias características de uma região para outra, também verificar as diferenças da ação do homem na natureza e suas conseqüências.

Moreira & Auricchio tiveram a preocupação de colocar várias imagens, fotos, ilustrações, caricaturas. Neste não houve um equilíbrio, pois ocorreu uma ausência de imagens ou fotos em determinados assuntos e um excesso em outros. Em relação aos mapas tem ilustrações de alguns tipos de mapas (não representou todos os tipos), embora apresente legendas de vários os tipos. Neste livro há poucos gráficos, tabelas, mas as fotos de paisagens vêm com descrição das áreas.

Linhares teve o cuidado de ilustrar o livro, com vários gráficos, mapas, tabelas, fotos, imagens de satélite, fotos aéreas em que fica de fácil entendimento para o aluno, compreender os temas abordados nas unidades. As fotos foram colocadas em tamanho em tamanho pequeno, mapas de vários tipos e os gráficos aparecem apenas no final do livro.

Moreira & Sene ilustraram o material com fotografias, pinturas, gráficos, tabelas, plantas, mapas, fotos aéreas, caricaturas de pessoas com dados do cotidiano do aluno. As fotos e figuras estão em tamanho médio, de fácil compreensão para os alunos sobre os

assuntos abordados. Os gráficos aparecem em vários formatos e dados de várias instituições de pesquisa e atlas escolares.

Em relação às atividades observou-se que Castellar & Maestro Os autores tiveram a preocupação de colocar atividades, experiências textos de apoio, e um projeto no final de cada unidade com o intuito de que o aluno aprenda na prática os temas abordados, com questões que envolvem o cotidiano do aluno promovendo uma interação com as outras disciplinas como: matemática, ciências, português, historia, entre outras.

Moreira & Auricchio tiveram o interesse de colocar atividades, em que o aluno vão aprender a fazer as atividades, individualmente, dupla e em grupo, textos de apoio com vários assuntos da atualidade. Com sugestões de livros, sites e filmes de acordo com os assuntos abordados. Possui glossário com vários significados de palavras que foram abordados nas unidades do livro e finalizando com um projeto chamado ação cidadania, com reciclagem, plantação de áreas das margens dos rios e a construção de um globo terrestre visando o enriquecimento do conhecimento do aluno.

O livro de Linhares é cheio de textos complementares e de apoio para que o aluno aprofunde os conhecimentos, atividades para exercitar para fixação dos conteúdos em que serão respondidos no próprio livro. Não possui experiências, nem projetos para construção de algum material extracurricular, mas acompanha dois livros extra um com questões de vestibular e o altas contextualizado com varias atividades de acordo com os temas abordados nos conteúdos do livro.

Moreira & Sene veio com vários textos complementares, leituras de imagens, fabricação de maquetes, questões em que os alunos vão responder e refletir e atividades de investigação, sugestões de livros e filmes e no final o glossário.

CONCLUSÃO

A compreensão do livro didático é fundamental para delimitar a melhor maneira de efetivar o processo de ensino e aprendizagem. A ciência geográfica exige que o mesmo seja elaborado de maneira esclarecedora para efetivar o processo cognitivo dos alunos. O livro deve fomentar uma práxis entre a teoria em posta pelo livro e a vivência dos alunos, fazendo com que o ensino seja mais atrativo em sala.

O professor não deve ter o livro como o único instrumento facilitador no ensino e na aprendizagem, porém esse deve observar se o livro está embasado de acordo com as orientações dos PCN's, caso esse estive negligenciado cabe ao professor utilizar o seu bom senso e de outros recursos, como textos, pesquisas, filmes, jogos para complementar os conteúdos.

Um aspecto que deve ser posto em prática em sala de aula, são as ações motivadoras promovidas pelo educador que, buscará diagnosticar o que é mais relevante para a turma além de programar os conteúdos do livro estrategicamente durante todo o ano letivo, além de respeitar o processo de aprendizagem dos alunos.

Cabe ainda ao professor com suas sensibilidade, afeições, promover em seus alunos um verdadeiro espírito crítico refletivo das esferas sociais, vivenciando por ambos. Promovendo a partir de sua prática uma interdisciplinaridade entre escola, professor, aluno e família.

A compreensão da elaboração e do uso do livro torna-se peça fundamental para a elaboração teórica deste trabalho que serve principalmente como forma de orientação para a elaboração de futuros livros didáticos, respeitando a realidade dos alunos, da comunidade e da

região, além de criar um patamar harmônico em sala de aula, expondo que a mediação pedagógica ainda é fundamental para a efetivação do ensino e da aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Um método para o ensino fundamental: o projeto**. 5. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 5. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2001.

_____. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 4. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2002.

_____. **Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral**. 3. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2005.01.

BRASIL. Ministério da Educação. SEF. **Recomendações para uma política pública de livros didáticos**. Brasília: MEC/SEF, 20

CASTELLAR, Sonia & MAESTRO, Valter. **Geografia,: Historia da cartografia, localização e orientação paisagem: formação e transformação**. 5ª serie, São Paulo: Quinteto Editorial, 2001.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 18. ed. São Paulo: Papirus, 2006.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GOODSON, Ivo F. **Currículo: teoria e história**. 5. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 1995.

GUDSDORF, Georges. **Professor para quê?**in: A função docente.São Paulo:Brasileira, 1987

MOREIRA, Igor & AURICCHIO Elizabeth. **Construindo o espaço: construindo o espaço humano**. 6ª ano, São Paulo: Editora Ática: 2006.

MOREIRA, João Carlos & SENA, Eustaquio de. **Trilhas da geografia: a geografia no dia-a-dia**. Ed. Reform, 5ª Série, São Paulo: Scipione: 2006.

LINHARES, Francisco & CHAVES Mario. **Geografia contextualizada**. 6ª série, Recife: Ed Construir: 2006.

O PAPEL DO PROFESSOR E DOS PAIS E A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS. Disponível em < www.epaveiro.edu.pt/finalp/o_pepel_do_professor_e_a_motivacao.pdf> acesso em 10/05/2008.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **História / Geografia**. 3.ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

ROMANATTO, Mauro Carlos. **O livro didático: alcances e limites**. Disponível em <www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_rendondas/mr19> acesso em 22/03/2008.

SILVA, João Paulo Souza. **A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem**. Disponível em <www.espacoacademico.com.br/052/32pc.silva> acesso em 10/05/2008.

ZABALA, Antoni. **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ANEXOS

RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

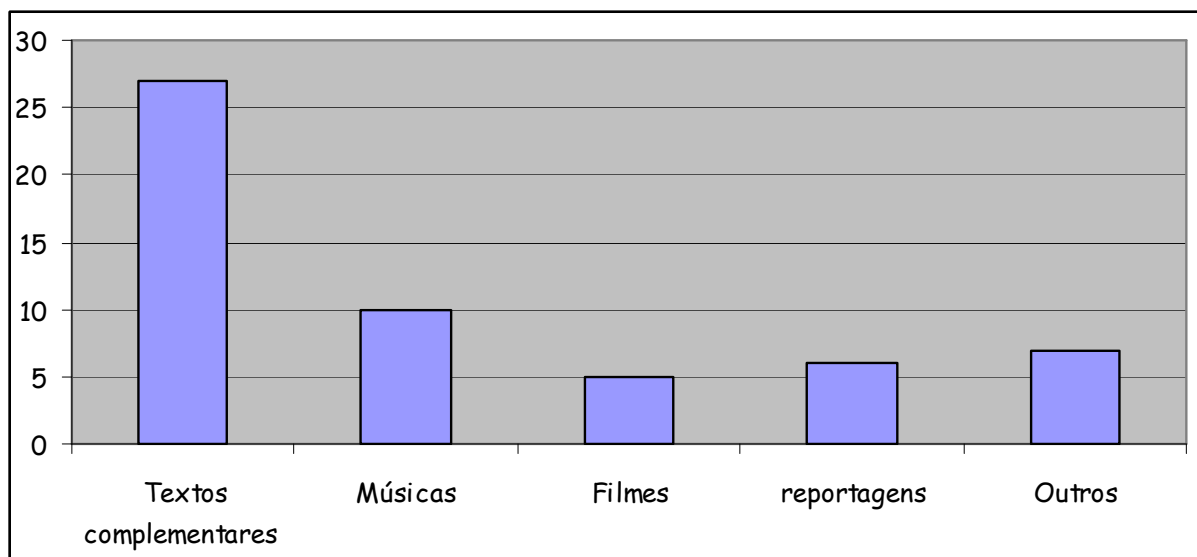


Figura 1: Materiais que professor utiliza em sala de aula

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Flávia Moura Pereira

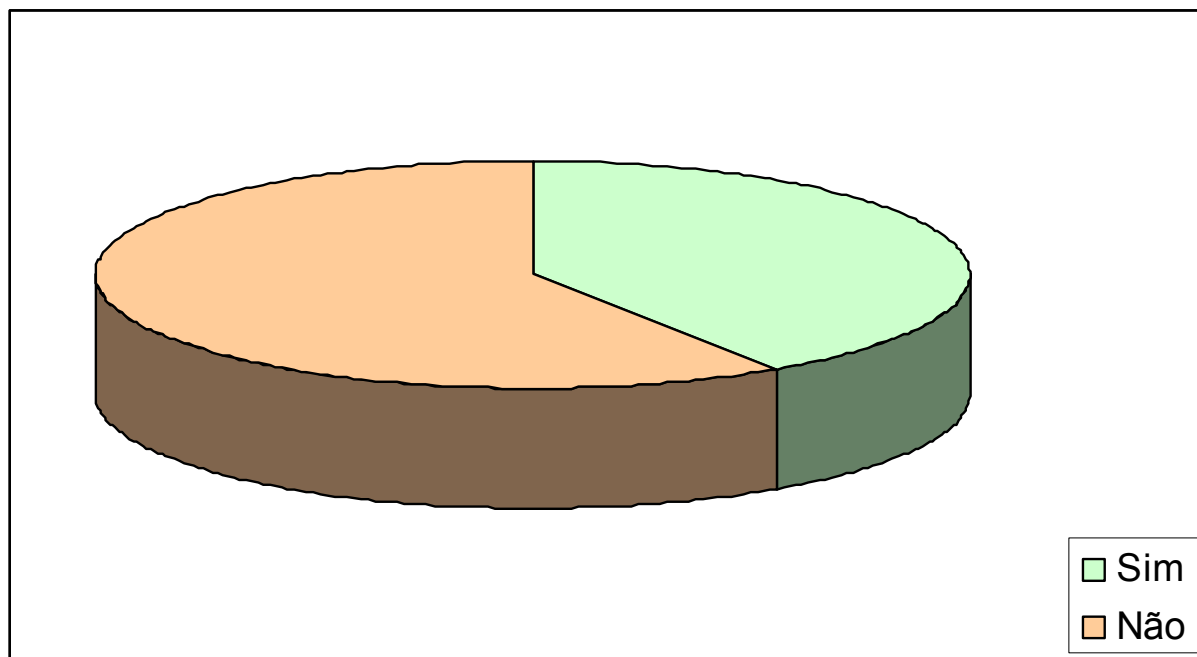


Figura 2: O professor conversa com os alunos?

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Felipe Alan Souza Santos

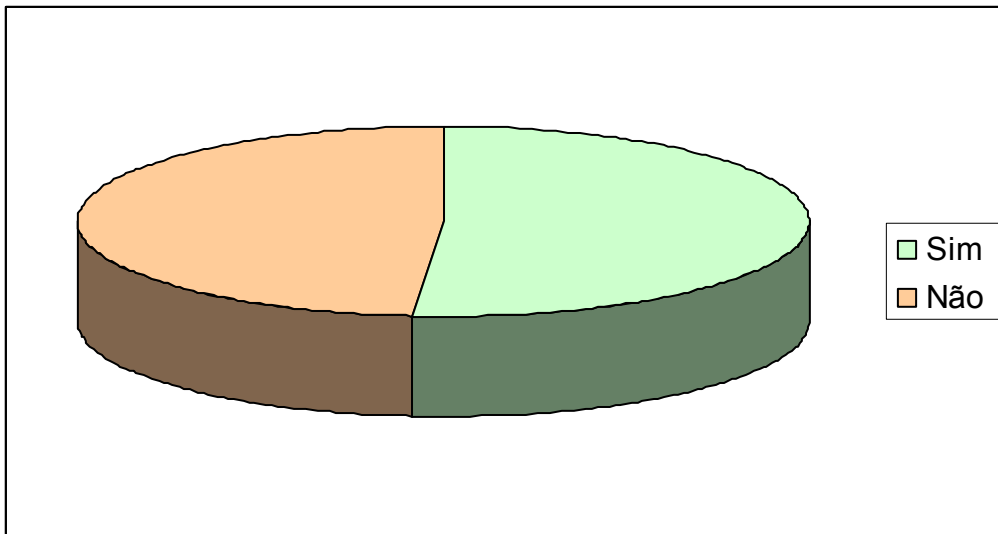


Figura 3: Na hora do intervalo o professor é procurado por aluno

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Sandra Andréa Silva Souza

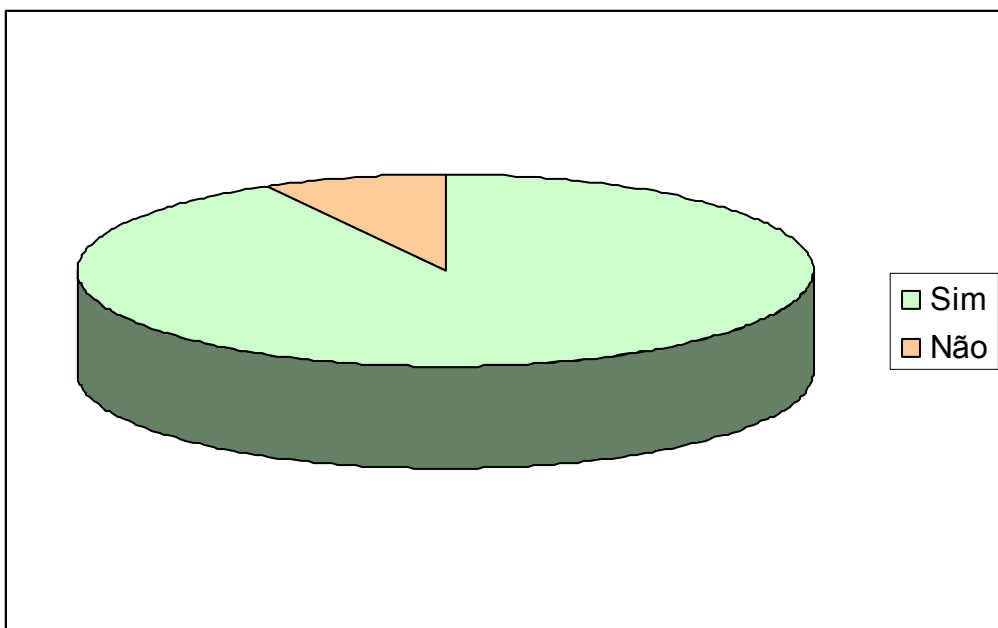


Figura 4: Os pais participam da vida escolar dos filhos

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Flávia Moura Pereira

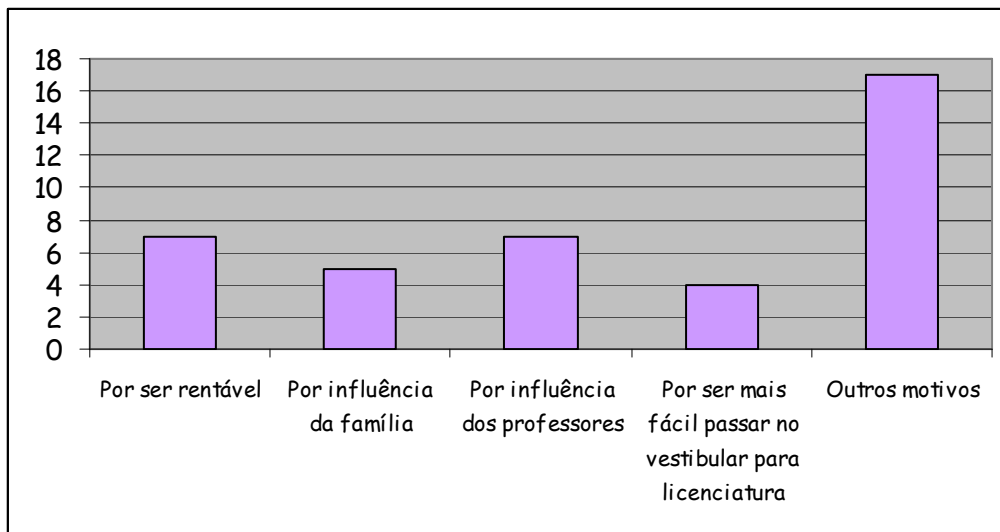


Figura 5: Motivos da escolha da profissão apontada pelos alunos

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Felipe Alan Souza Santos

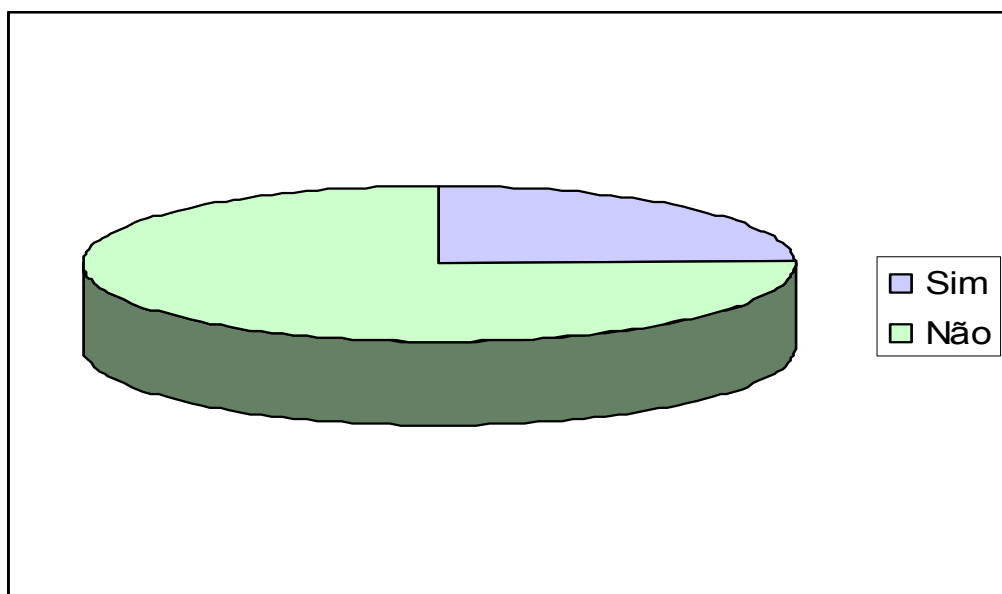


Figura 6: Apresenta dificuldade para estudar pelo livro didático

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Sandra Andréa Silva Souza

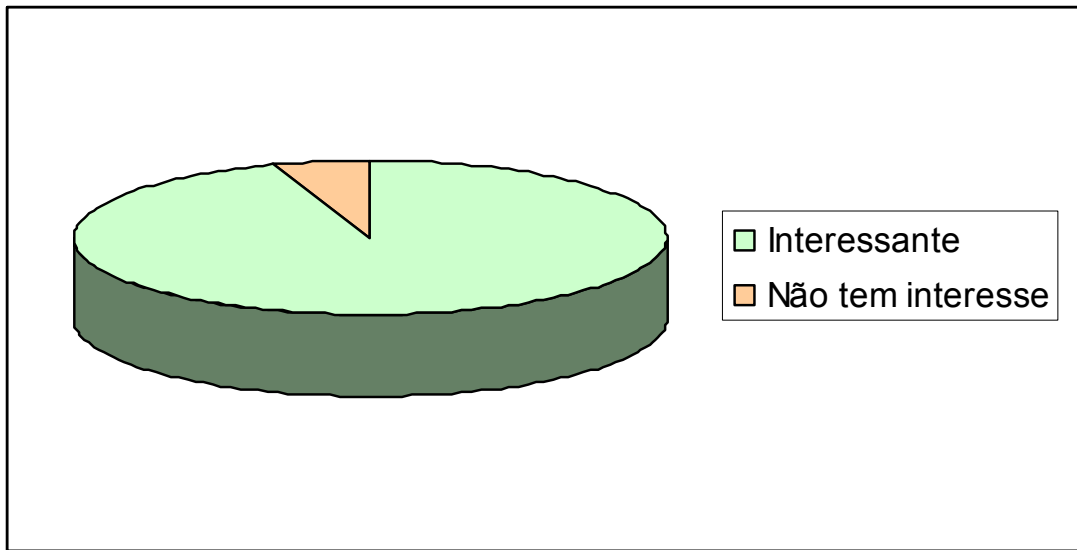


Figura 7: Opinião sobre o livro didático

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Flávia Moura Pereira

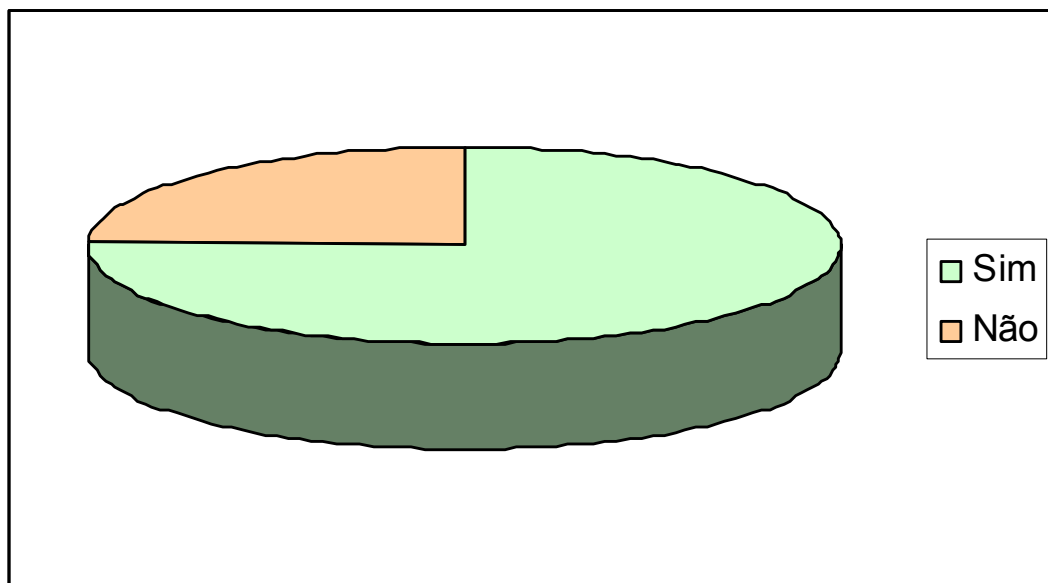


Figura 8: Você compreende as atividades de mapa

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Felipe Alan Souza Santos

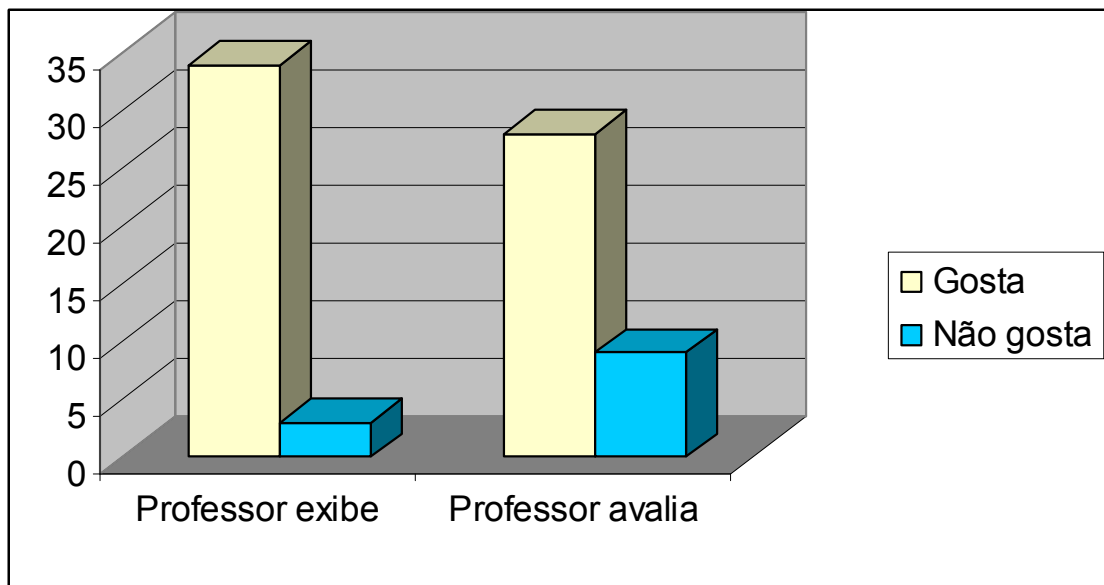


Figura 9: Acha interessante quando o professor exhibe um filme relacionado ao conteúdo e cobra na prova.

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Sandra Andréa Silva Souza

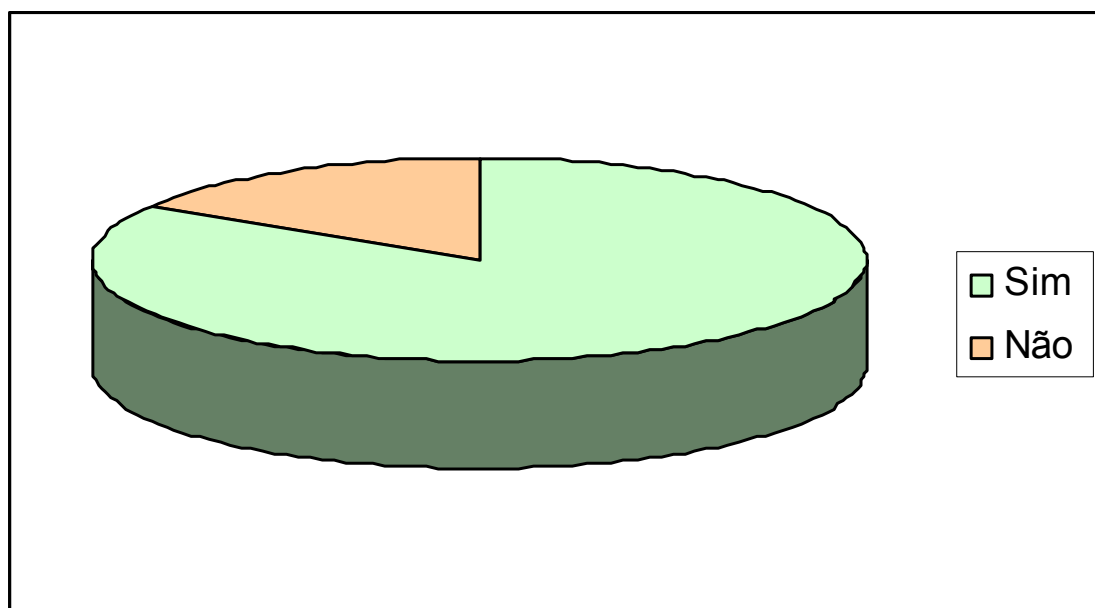


Figura 10: Gosta quando o professor solicita uma pesquisa

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Flávia Moura Pereira

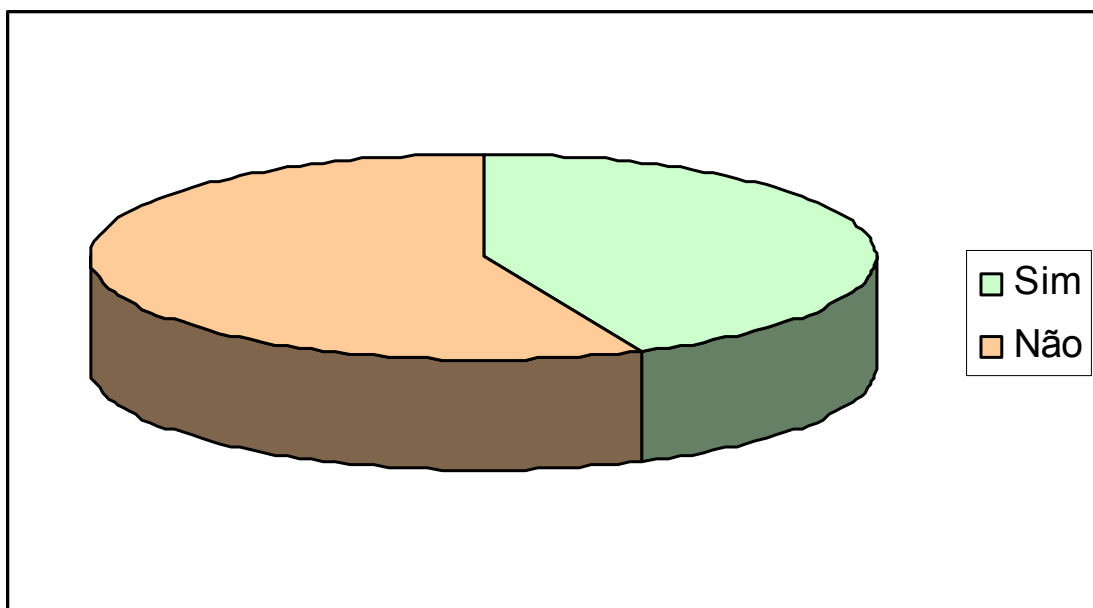


Figura 11: O livro didático é suficiente para o entendimento da geografia

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Felipe Alan Souza Santos

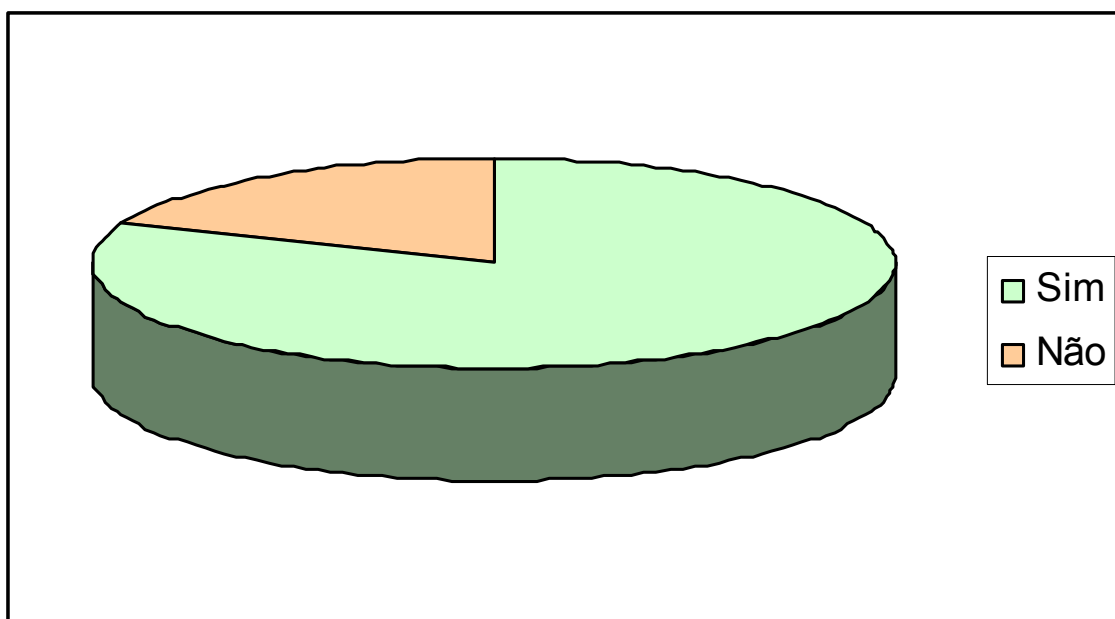


Figura 12: As ilustrações do livro são suficientes para o entendimento

Fonte: Pesquisa de campo

Elaboração: Sandra Andréa Silva Souza